



Histórias de vida e o Vera

Uma experiência
que não tem fim



Lygia Maria Ramos Uchôa Cavalcanti (Dudu)

Orientadora (6^º a 9^º ano)

A série *Histórias de vida e o Vera* é uma homenagem de nossa Escola a alguns dos tantos profissionais que dedicaram uma boa e louvável parcela de suas trajetórias ao compromisso da educação integral de seus alunos, dia a dia formando cidadãos capazes de transformar o mundo.

São esses inesquecíveis profissionais que, ao lado de colegas das equipes pedagógica e administrativa, alunos e familiares, construíram uma comunidade da qual podemos nos orgulhar, nestas seis décadas de tantas vidas da Escola Vera Cruz.

Escola Vera Cruz

Direção Geral: **Heitor Fecarotta**

Direção de Gestão: **Marcelo Chulam**

Direção Pedagógica: **Regina Scarpa**

Histórias de Vida e o Vera

Coordenação, entrevistas e edição de textos:

Claudia Cavalcanti (Casa Vera Cruz)

Projeto gráfico: **Kiki Millan** (Casa Vera Cruz)

Retrato da capa: **Claudia Cavalcanti**

Pesquisa de imagens/Arquivo Vera Cruz:

Priscila Pires (Comunicação)

Apoio: **Araceli de Carvalho** (Casa Vera Cruz) e **equipe de Recursos Humanos**



Coordenação da produção documental:

Suzana Lopes Salgado Ribeiro (Fala Escrita)

Transcritores: **Ana Claudia Moreira Rodrigues, Ana Júlia Paim, Antonio Ernani Wanderley Bueno de Godoy, Daniel Cimatti e Suzana Lopes Salgado Ribeiro**

Captação de vídeo:

André Nascimento e Carlos Eduardo dos Reis

Roteiro e edição de vídeos: **Fernando Brook, Iokisa Takau Junior e Suzana Lopes Salgado Ribeiro**

A captação em vídeo e áudio de todos os depoimentos foi feita na Escola Vera Cruz, em outubro de 2021.

Dudu começou a trabalhar no Vera em 1974.
Ela se despede da Escola no final de 2021.

Uma experiência que não tem fim

Dudu no Vera

Meu nome completo é Lygia Maria Ramos Uchôa Cavalcanti. Dudu é de neném. Acho que quando comecei a falar dizia "Dudu". E tinha uma prima de quem eu gostava muito que era Duducha. Daí tinha uma pajem que ficou me chamando Dudu, e aí virei Dudu. Minha mãe se chama Lygia também, então é uma coisa para diferenciar mesmo, né? E não respondo por Lygia [risos].

Eu já cheguei no Vera sendo Dudu. Vim para cá em 74, fazendo estágio. Fazia Pedagogia, acho que no 2º ou 3º ano comecei a fazer estágio numa escola e falava: "Nossa, aqui vim aprender como não deve ser uma escola".

Então Elisa Vieira me disse: "Dudu, tem o Vera Cruz e tal, vamos fazer estágio lá que é superlegal". Aí viemos, a gente fazia faculdade juntas. Comecei o estágio com os pequenos (Jardim e Pré-primário), e Elisa começou no primário. Isso foi antes das férias!

Quando chegou agosto, apareceu vaga e a Peo [Maria Amélia Pinho Pereira, fundadora do Escola] já nos chamou, e Elisa e eu começamos como professoras auxiliares. Naquele semestre houve a epidemia de meningite, com pouquíssimas crianças na classe; a professora teve que pedir licença, eu fiquei substituindo a professora e, enfim, terminamos o ano. E então já me chamaram para ser professora, porque eu acho que a professora que eu substituía já não voltou.

Comecei a ser professora de Maternal, no endereço da Avenida Brasil. No final do ano a gente se mudou. Então, em 75 e 76 fui professora de Maternal. Peo, que era aquela pessoa fantástica, por quem tenho a maior admiração, foi muito importante na minha formação. Acho que aprendi muito com a Peo, tive uma relação muito forte com ela, foi bem bacana.

Quando terminei a faculdade, fui pra PUC, fazer uma especialização em Educação Infantil, mas aí apareceu a oportunidade de ser orientadora no ladê [Instituto de Artes e Decoração], que era uma escola de desenho técnico de comunicação, bem diferente na época. Fiquei dez anos como orientadora no ladê, mas com todas as mudanças na legislação ela acabou diminuindo, foi decaindo muito.

Então surgiu a oportunidade de vir para o Vera como orientadora de 5ª a 8ª série.

Nesses 10 anos no ladê fiquei trabalhando com adolescentes; era uma escola bastante inclusiva, no sentido de que ia para lá quem não tinha muita facilidade de aprendizagem, quem queria outras coisas na vida, já queria trabalhar. Com essa experiência lá, vim pro Vera como orientadora e entrei na 7ª série, na época. Foi minha primeira turma, que se formou em 89.

O nível 3

Naquela época, os orientadores já acompanhavam todo o segmento. Essa é a minha 9ª turma, sempre seguindo do 6º ao 9º. Uma experiência muito legal. Nessa fase, eles estão deixando de ser crianças, começando a virar jovens, a descobrir o mundo, a se separar mesmo da família e a descobrir a vida deles. Você participar disso é muito legal, é muito bacana você poder estar ajudando, estar partilhando, criando coisas, vê-los se percebendo, se descobrindo, vendo a vida. Eu brinco que o desafiador é que, por mais legal que a gente seja, o conflito de gerações não acabou. Por isso, é um embate você criar uma relação de confiança nessa idade, que está justamente querendo

confrontar as coisas que você fala, que a família traz, descobrir a própria vida, o próprio caminho. Ao mesmo tempo, é muito gostoso e muito prazeroso você acompanhar isso, ver a criança desabrochar para um jovem. Acho que é uma experiência que não tem fim. Eu gosto muito disso.

Depois que terminam, tenho notícias de muitos. Acho que, em geral, são pessoas bem bacanas que têm um lugar, um papel importante, interferem e fazem a diferença. Eu acompanho bastante. E tive filhas aqui também. Estão com seus 40 anos agora. É bem bacana a gente ver em que pessoas esses meninos e meninas se transformaram. Uma coisa interessante agora é que sou orientadora de filhos dos filhos da minha primeira turma, dos alunos da minha primeira turma! Brinco que agora sou uma orientadora-avó, e é bem gostoso isso também. É importante ver que esses ex-alunos apostaram na Escola, continuam aqui, continuam pessoas bacanas, empenhadas, querendo dar uma boa educação para os filhos.

O Vera muda e é o mesmo

A gente sempre discutiu, trabalhou e batalhou pelos princípios do Vera. Esses princípios não mudam, mas, para os princípios não mudarem, a gente teve que mudar muita coisa,

mas é sempre um processo muito natural de mudança. O Vera tem uma coisa que poucas escolas têm: ele cria uma condição de reflexão sobre tudo o que vai acontecendo, o que naturalmente vai nos levando a fazer as mudanças necessárias; a sociedade vai mudando, as teorias vão evoluindo, e o Vera sempre ficou muito atento a tudo isso. Nossa, eu olhando para trás... Mudou muito de lá para cá, mas continua o mesmo. Acho isso muito legal porque se continuou mesmo nisso de você acreditar, de você dar valor para tudo isso, de você estar sempre buscando o melhor em função do aluno. Eu acho que o aluno mudou muito também.

Por exemplo: a primeira vez que fui para o Estudo do Meio em Minas foi em 89. Dois alunos não foram: um porque esqueceu documentos e não podia ir sem documentos, teve que sair do ônibus, e outro porque perdeu a hora. Esses meninos foram se encontrar com a gente em São João Del Rei, sozinhos, tomaram o ônibus e chegaram lá sem a gente combinar; não tinha celular, não tinha telefone; para fazer uma ligação, demorava, e nos encontramos lá, andando na rua. Chegaram? Chegaram! Que legal e tal, então está todo mundo aqui. Nunca isso aconteceria hoje. Mas jamais, em tempo algum, qualquer pai botaria o filho num ônibus sozinho e chegaria numa cidade em que não conhecia ninguém. Isso mudou demais. Quando eles saíam para a

praça [em frente ao Verão] antigamente, eles saíam, iam tomar sorvete na frente do Verinha. Não podia, mas iam e você não tinha que tomar conta. Era normal essas coisas acontecerem.

A transgressão faz parte até hoje, mas de outro jeito. A transgressão hoje ficou muito mais reduzida, e eu acho que tem a ver, primeiro, com como a gente veio trabalhando, pondo as coisas mais no lugar, as coisas foram ficando mais... corretas. Tudo era muito cuidado também. Mas acho que as expectativas são outras, não é?

Lembro quando teve um assalto, e os pais fizeram um movimento, queriam fechar a praça, tirar a praça, não podem ir para a praça — como se ir para essa praça fosse uma coisa perigosíssima. Antes a praça era uma coisa bem feia, de noite era suspeita, você mal conseguia andar. Foi um processo superlegal a gente fazer a reforma da praça, a Escola com os pais, e ficou essa praça linda. A gente ocupou a praça. Eu acho que a praça tomou uma outra dimensão muito importante, e a gente discutia muito com os pais sobre isso. Se a gente não usar a praça, a praça será usada. "Ah, mas os meninos fogem." Os meninos não fogem. Porque eles sabem que é sagrado você conseguir manter as regras na praça, e se você fura, você perde a praça. Então, eles veem a praça como uma conquista deles

também. Eu acho que é um trabalho conjunto, é uma conquista dos meninos. Sair pra praça é uma liberdade que nenhuma escola tem, é muita responsabilidade e eles honram isso. Eu acho que a praça significa muito isso.

A praça significa um pouquinho de rua; no 6º ano a gente ensina a atravessar a rua, e daí você vai descobrindo coisas: os meninos não sabem o nome das ruas, dos caminhos das casas deles até aqui, muitas vezes não sabem o nome da cidade onde fica o sítio em que eles vão passar férias. Eles não têm essa noção.

Alguns que moram aqui perto começam a poder vir de bicicleta; de ônibus, acho que ninguém até o 9º ano. Quando chega no Ensino Médio, vira uma conquista poder vir de ônibus; eles não querem mais vir com os pais, mas aqui alguns batalham para poderem vir a pé. Eu acho que as crianças que vão amadurecendo mais, que querem mais essa liberdade, conseguem batalhar um pouco por isso, mas são poucas.

A formação do corpo técnico

O Vera, nessa possibilidade de reflexão, faz com que você vá em busca das coisas de que você precisa também. Eu acho

que tem uma coisa que Escola dá, vai fazer junto com você, e tem outro lado que você cuida da sua formação também e vai atrás do que você precisa. Lembro que depois eu fiz um curso de Psicopedagogia com Ana Maria Muniz; o Vera convidou muito Alice Fernandes, em tempos idos, para fazer formação para a gente. E pensar que estamos sempre lendo, buscando. Como orientadora, você fica formando e sendo formada concomitantemente. Acho que poucas escolas fazem o que o Vera faz. Em termos de trabalho para o profissional. Acho que não tem uma escola melhor para trabalhar. Não é à toa que eu fiquei 30 anos aqui.

Eu mudei, mudei. Interessante porque tem coisas que eu falo e vejo o quanto eu ficava nervosa, aflita no começo, fazia entrevistas com pais; às vezes era um assunto que pedia discussão e tinha que brigar com os pais. É essa coisa de você ter que fazer isso sem romper a relação, fazer com que o pai fosse junto com você e ficasse parceiro mesmo. Às vezes era muito difícil isso no começo. E os pais do Vera sempre foram muito, muito participantes e ativos e achando que às vezes sabiam mais que a gente. Então, era difícil. Essas coisas que eram muito difíceis, elas vão ficando muito fáceis. Coisas que a Nádia [Dimitrov] me explicou: chama-se precipitação da experiência. Acho que você vai sempre ressignificando as

coisas que você vai fazendo. Fiz análise muitos anos, então acho que é tudo junto. É o trabalho da sua vida também. Eu vejo que eu fui crescendo junto com Vera, o Vera também foi crescendo comigo. Acho que foi assim.

Peo, Stella, Vera, Nádia: legado

Sou a orientadora que sou por conta da Peo, uma das figuras mais importantes. Acho que a minha vida ficou aqui no Vera e aqui fiz muitos amigos. Outra pessoa muito importante foi a Nádia. Nossa, uma irmã. Muito mais, uma amiga. Com a Vera Conn [ex-coordenadora], eu vinha duas vezes por semana de carro, Vera tinha um profundo respeito pela pessoa. Do jeito muito calmo, muito tranquilo. Vera, muito doce, fazia tudo funcionar muito bem; às vezes, você nem percebia que ela estava por trás disso tudo. Até que você percebe que, se não fosse a Vera, não seria isso tudo do jeito que estava sendo. Eu acho que a Vera era uma pessoa que trazia muita tranquilidade para a equipe, muita segurança. E essa coisa do carro que a gente vinha junto, de Higienópolis até aqui, vinha e voltava, a gente discutia muito, a gente teorizava muito, era muito bacana isso. A gente conservava as coisas no caminho, era muito prazeroso, além de tudo.

Todas as professoras — Não vou falar de todo mundo, mas quando mas quando você convive por tanto tempo, dia a dia, com as pessoas, a intimidade vai lhe possibilitando conhecer as pessoas, você vai entendendo as pessoas, você vai reconhecendo-as. Falta falar da Stella Mercadante. Mesmo quando ela parou de ser diretora, ela está aqui. Mas admiro demais Stella, que tinha Paulo Freire encarnado nela. Ela tinha uma coisa de ser brava, de ser não sei o quê, mas não era nada disso, porque ela era, acima de tudo, uma das pessoas mais democráticas que eu já conheci na vida. As pessoas diziam: "Stella não deixa a gente fazer isso, não deixa fazer aquilo". Não é verdade! Com Stella, você conseguia fazer tudo o que você achasse necessário, desde que você mostrasse para ela que era necessário e você conseguisse se justificar. Se você pegar os discursos que Stella fez em todas as formaturas do Ensino Fundamental do Vera, durante todos esses anos, você vai ter uma visão fantástica da história desta Escola, do momento social que vivíamos, do que precisávamos falar para os pais e de como era o respeito que ela tem pelos professores. É aquele respeito de que Paulo Freire fala e que ela encarna. Por mais que você fizesse alguma bobagem, ela fazia você consertar a bobagem, mas você se sentia supersegura com ela. Acho que as pessoas do Vera têm uma sensação de pertencimento. Você veste a camisa da Escola, você sente que é a Escola.

Despedida

Agora vou me desligar; venho me preparando, sim, direitinho. Eu achava que a penúltima turma seria minha última. Mas aí vi que era importante ainda ficar mais essa, e venho me preparando para isso. Acho que você fica velha também para fazer umas coisas, você não quer mais mudar uma série de coisas, você quer guardar aquilo que você fez.

Acho que a hora que eu sair do Vera e vier aqui não será mais aquilo. Eu acho que tem algo que se encerra mesmo. Mas acho que vou continuar ligada aqui. Espero que a minha neta um dia venha para cá.

Não sei dizer como é que vou ver o Vera, mas acho que vou ver o Vera como o Vera. Eu acho que ele vai continuar, espero, sendo o que ele é e sempre foi, ocupando esse lugar tão grande na educação. Eu acho que ele tem tudo para continuar. Espero e torço que continue.

No que o Vera é diferente? Falo desse lugar do nível 3, do 6º ao 9º ano. Eu acho que essa metodologia do Vera, assim, do TP [Trabalho Pessoal], da aula coletiva, dos tempos de aula, são um diferencial muito grande. Eu acho que a Escola, de fato,

consegue enxergar o aluno, a aluna como eles são e consegue criar condições para eles se perceberem, aprenderem e darem conta de si. Eu acho que a gente desenvolve uma autonomia grande; o Vera consegue fazer os meninos pensarem na relação deles com eles, na relação deles com a aprendizagem, com os outros, com as regras, com a sociedade e se fazerem pessoas melhores. O Vera é muito bom nisso e eu acho que eu vejo o jeito que os alunos saem, o jeito que eles conseguem pensar, raciocinar. Tudo fruto desse jeito que o Vera trabalha. Isso é muito importante. Às vezes se diz: “nossa, pena que nem todas as escolas são assim”, e quando eu vejo algumas escolas parecidas, falo: “Nossa, que legal! Parece o Vera”.

Depoimento concedido em 13 de outubro de 2021, na Escola Vera Cruz



Uma realização da Escola Vera Cruz | 2021

